

Os inéditos de Tribuzi e a era de Camelo no Sioge

Joaquim Nabuco dizia, com a propriedade que lhe era característica, toda definida por uma síntese de elegância e de sassombro, que os livros todos devem ser campanhas. Foi com semelhante espírito, seguindo tamanha lição do passado, feita mais para meditar do que para repetir, como ensina Mário de Andrade, que procuramos promover, na conclusão do nosso ensaio intitulado *Pela Cidade do Homem: Uma Interpretação de Bandeira Tribuzi*, a causa da publicação das obras completas do notável polígrafo maranhense contemporâneo.

Desde ali que fomos, acompanhantes de D. Maria Tribuzi, incansáveis na preparação e nos desdobramentos desta batalha, a qual nunca, a nenhum de nós, pareceu perdida, mesmo quando a decepção batia à porta da saleta, onde, dando sentido às horas disponíveis, emendávamos peças teatrais, descobríamos novelas e desengavetávamos poemas.

Tivemos, e teremos ainda, muito trabalho. De nossa parte, ao tempo em que manuseávamos artigos políticos, ensaios culturais e escritos econômicos, sob promessas não cumpridas, não deixamos de, em artigos e entrevistas, enfatizar a existência do débito do Maranhão para com a memória de Bandeira Tribuzi, só possível de resgatar com a divulgação, sob a forma de livro, de sua extensa produção intelectual, sempre vítima, seja da editoração provinciana, seja da dispersão em jornais, seja do sistemático ineditismo.

Quanto a sua relevância, não há o que discutir. Provada e comprovada, ele, homem da geração maranhense de 45, a viu reconhecida e proclamada pelo dois únicos companheiros geracionais que lograram, verdadeiramente, alcançar a ressonância de personalidades da vida nacional: José Sarney, na política e Ferreira Gullar, na literatura. O primeiro, agora vice-presidente da República, saudando-o como uma liderança cultural maranhense do século XX, comparável apenas ao desempenho estadual de Sousândrade, na décima-nona centúria. O segundo, festejado como poeta e reconhecido como crítico de arte, externando que ele, mais do que Murilo Mendes, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, foi quem apresentou a si e aos outros de seu tempo, a grande poesia.

Eis o homem. Eis o artista. Bandeira Tribuzi influenciou, com a sua elogiável unidade de caráter e de talento, a sua, a

nossa e outras gerações do Maranhão, terra à qual devotou o melhor de seu esforço e de sua inteligência.

Agora aparece a luz no túnel. Francisco Camelo, boa revelação de administrador, ao inaugurar uma era de qualificadas realizações no Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado — SIOGE —, começará a publicar, agenciando um interesse do governador Luiz Rocha, as obras tribuzianas. E deste mutirão participam, com destaque, o denodo de D. Maria Tribuzi e a efervescência da Fundação Instituto Bandeira Tribuzi, organismo integrado por parcela significativa do que de melhor a nossa juventude produziu.

Que venham, afinal, os livros e que tenham, todos, o destino de vermelha e florida rosa esperança, por si sonhado para os seus versos e por nós pedido para as obras suas. Eis a sua

“DECLARAÇÃO

Não quero ser guardado
numa antologia.
Ó que, deus me guarde
de ficar fechado
numa antologia.
Quero que meus versos
tenham a alegria
e corroam nas ruas
como pão da vida.
Que eles desabrochem
na mão de meu filho
em rosa de amor
aos ventos se abrindo.
Não quero meus versos
numa antologia.
Quero-os rolando
caminhos e dias
na boca do povo:
rosa da esperança
vermelha e florida”.

Façamos a sua vontade.

ROSSINI CORREIA